



Roda de Conversas

NATIVIDADE DIGITAL: A ADOLESCÊNCIA SOB UMA CIBERPERSPECTIVA

Jennifer da Silva Gramiani Celeste¹, Juliana Célia de Oliveira²

¹Universidade Federal de Juiz de Fora / Letras Estrangeiras Modernas / djceleste@gmail.com

²Faculdade Metodista Granbery / Psicologia / julianaoliveirapsi@gmail.com

Resumo: O adolescente da contemporaneidade predominantemente digital é aquele que se expressa por intermédio da multiplicidade de facetas a ele viabilizadas graças à difusão em massa dos dispositivos eletrônicos conectados à grande rede. Este artigo pretende esboçar aproximações entre as passagens do desenvolvimento da referida fase vital e a conjuntura imposta pelo advento das novas tecnologias digitais. Embasamo-nos nas contribuições teóricas sugeridas por pesquisadores da área e constatamos o impacto do atual panorama sobre os setores nos quais atuam os jovens.

Palavras-chave: Psicologia do desenvolvimento, adolescência, nativos digitais.

1. Introdução

Um exímio tabu. Há muito a sociedade nos viabilizou entender dessa maneira a adolescência¹. Na atual temporalidade, já nos é permitido dissertar sem muitos receios acerca dessa fase vital, alocada entre a tenra infância e a séria etapa adulta. Decerto, desfazemo-nos de estereótipos figura-se algo dotado de complexidade. Afinal, se coniventes àquilo o que Bauman (2001) denominara 'Modernidade Líquida' em sua obra homônima, como não nos influenciarmos pela fluidez e instabilidade que demarcam nossos passos na contemporaneidade? Certamente, isso se reflete nas concepções as quais construímos a respeito daqueles que fomos, somos e podemos vir a ser, independentemente da faixa etária na qual nos categorizamos.

¹ Referimo-nos ao sujeito adolescente cujo desenvolvimento ocorre no Ocidente.



Roda de Conversas

Se essas incertezas que provêm dos tempos atuais nos afligem e tornam dificultoso nosso desprendimento às *tags*² que rotulam os outros e nós mesmos, imaginemos, então, o quão desastroso consistem os impactos de uma modernidade tardia – ironicamente, o cerne do qual partem nossas discussões. Os adolescentes, seres residentes em um estratégico limbo localizado entre as crianças e os adultos, saberiam melhor nos arguir a respeito. Devido ao fato da liquidez de Bauman (2001) apresentar resquícios nesta atualidade, é necessário nos inclinarmos sobre algumas prerrogativas preteritamente anunciadas. Para além da maleabilidade experienciada por crenças e valores, o líquido visceral em grande parte responsável por dinamizar a adolescência vigente compõe-se das diversas tecnicidades atinentes à era digital.

Perante o horizonte brevemente delineado, objetivamos realizar elucubrações sobre a faceta nativa digital assumida por adolescentes em formação, intentando, nesse ínterim, aproximar aspectos imanentes ao seu desenvolvimento do quadro de transfigurações imposto pela gênese e pelo fortalecimento da atmosfera eletrônica. Autores vinculados ao referido campo de estudo serão capazes de fundamentar as questões que trazemos ao saber no decorrer do presente artigo.

2. O adolescer na era digital: algumas conexões

A conectividade digital é capaz de circunscrever alguns ímpares fatores os quais singularizam a fase vital em discussão, tamanho é o impacto dessa ocorrência na vida daqueles que hoje adentram a adolescência. Vejamos, pois, alguns cotejos.

Papalia *et al.* (2013)³ dedicam-se às muitas questões tocantes à transgressão adolescente, evidenciada por comportamentos promíscuos atrelados à sexualidade, bem como à utilização indiscriminada de álcool e drogas ilícitas ou, ainda, à prática de vandalismo e atos violentos. Segundo essas autoras, ao não se depararem com

² Em relação ao cenário virtual, as *tags* permitem a classificação de uma informação baseada em palavras-chave. Conforme acreditamos, podemos aqui transpô-las à concretude do meio social.

³ Escolhemos utilizar essa referência teórica devido à sua importância para uma ampla compreensão sobre o Desenvolvimento Humano, embora reconheçamos ser abrangente e totalizadora.



Roda de Conversas alternativas positivas em relação ao abandono de seu delinquente estado de ser, os jovens “[...] têm mais probabilidade de adotar permanentemente um estilo de vida anti-social [...]” (PAPALIA *et al.*, 2013, p. 464). Sem obter o devido reconhecimento quando atuantes sob as circunstâncias do pacto instaurado pelo meio social do qual advêm e no qual se constituem adolescentes, intentam adoescer ao percorrer por outras trilhas, justifica-nos Calligaris (2000, p. 41) – em nosso contexto de debate, por outros possíveis ciberatalhos –, e inelutavelmente possuem êxito.

Ora, a ausência da materialização de rosto ou corpo a ser denegrido não é um fator impeditivo às comuns práticas do *cyberbullying*, encabeçada pelos *trolls*⁴. Também há de se notar outra relevante ocorrência: com o próspero *boom* daquilo o que poderia ter sido um dos maiores fenômenos virtuais se não fosse o surgimento glorioso do *Facebook* ou *Instagram*, por exemplo, o falecido *Orkut* acolhera milhares de *webpages* administradas por jovens indivíduos, ainda que a adesão à referida rede social se constituísse tecnicamente proibida aos menores de idade.

Santrock (2014) salienta sobre o contexto cultural no qual se desenvolve um jovem sujeito. Uma das questões mencionadas pelo estudioso em suas teorizações se refere ao rito de passagem o qual, em geral, assinala “[...] a transição de um indivíduo da adolescência à etapa adulta [...]” (SANTROCK, 2014, p. 219).

Em razão da publicação original do autor ter ocorrido no início deste século⁵, quando o acesso ao universo tecnológico até então se constituía restrito a apenas alguns utentes e amplamente escasso a tantos outros, seguramente o impacto da digitalidade que viera a alcançar o seu ápice nos dias de hoje não poderia ter sido contemplado às discussões que propõe em sua obra. Portanto, faz-se necessário (res)significarmos esse tal ato simbólico singular à juventude. Afinal, em tempos digitais, o ritual acontece de modo demasiado distinto – ademais das chaves do almejado apartamento ou automóvel, o adolescente objetiva ir um pouco mais além:

⁴ Gíria da Internet que designa o indivíduo cujos comportamentos e comentários desestabilizam, de modo negativo, discussões comumente fomentadas no ambiente eletrônico.

⁵ A primeira edição da obra em destaque fora lançada no ano de 2002.



Roda de Conversas espera possuir os seus aparatos eletrônicos ou a conta da Internet ou de atribuições outras emitida em seu próprio nome, a simples título de clarificação.

Esses são somente alguns dos devaneios acerca do adolecer que se funde às novas tecnologias digitais. Dessa maneira, não restringimos a adolescência aos tradicionais esteriótipos a ela associados, mas similar à nossa anterior referência, ao estigma dessa atualidade – a juventude #superconectada – por se tratar este, legitimamente, o escopo de nosso estudo. De certo modo, porém, acabamos nos enveredando por abordagem semelhante àquela sugerida pelos achados que foram dissertados por Senna e Dessen (2012, p. 107): “[...] investigar os mecanismos subjacentes à competência do adolescente pode gerar uma compreensão mais acurada das características que emergem nesta fase [...]”. Tratando-se dos holofotes estarem aqui voltados ao jovem sujeito desta temporalidade, nada mais conveniente do que explorarmos as tecnicidades a ele basilares, e como se fundem, então, à sua própria guisa, a fim de conceder forma e sentido ao adolecer contemporâneo.

Essa é a fotografia – ou a *pic* – do adolescente da ‘Modernidade Líquida’ anunciada por Bauman (2001) e sobre a qual tão eximamente o autor se inclinara. Tudo o que é líquido é dotado de fácil mobilidade. Remotamente, o sociólogo já nos alertava de que “[...] os fluidos [...] não fixam o espaço e nem prendem o tempo [...]” (BAUMAN, 2001, p. 8). Sob a ótica dessa terminologia, podemos dizer que os fluidos respingam e inundam, em concordância à maneira como a adolescência nos invade com irreverência e seu caráter desprezioso, com vistas à revolução *ad eternum*.

A inquietude e a insegurança, cujos traços característicos logram esboçar o jovem ideal da sociedade contemporânea, são em nós borrifados e os entornamos nesta produção acadêmica: inquietos quanto à busca por um estado de completude teórica e igualmente inseguros em relação às assertivas anteriormente propostas. Estamos a lidar com aquilo o que dificilmente poderá ser contido, apesar de nossos esforços. Assim, o que outrora sólido transfigurou-se líquido dá continuidade ao seu intenso extravasamento nesta temporalidade, alicerçada sobre o mar ciberespacial.



Roda de Conversas

3. Considerações finais

A adolescência, sobretudo aquela que hoje acontece paralela ao lançamento de um moderno modelo da *Apple* ou da oferta de um novo *Snapchat*, engana-nos, porém, com a leveza que em tese deveria deter. A cada dia tem se tornado mais viscosa, pois fora imbuída a abarcar, sem direito à destilação, fragmentos de uma sociedade cuja constituição, hoje majoritariamente ocorrida em contexto tecnológico, detém suas bases fixadas no plano analógico. Esse fato é responsável por propiciar notável resistência no que tange à concepção das atuais possibilidades de práticas comunicacionais, embora os esforços nos conduzam a contatar valores outros.

Os adolescentes da era digital, para além dos habituais artigos de opinião, produzem *reviews* para seus *blogs* e não se restringem à circulação dos bilhetes de papel em sala de aula, porque postam *comments* exclusivos e ornamentados nas *webpages* dos colegas, enquanto sanam suas dúvidas nos *chats* com professores *online*. Os jovens nativos digitais, então, encontram-se em constante diálogo junto às inovações tecnológicas, aos avanços da modernidade e aos próprios estados de ser e estar vinculados à faceta #superconectada potencializada pela grande rede.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- PAPALIA, Diane E. *et al. Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SANTROCK, John. *Adolescência*. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- SENNA, Syvia; DESSEN, Maria. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 101-108, jan./mar., 2012.